

Práticas religiosas no espaço cemiterial:

observações sobre o Cemitério do Bonfim

*Religious practices in the cemetery: observations on
the Bonfim Cemetery*



RESUMO

O propósito do artigo é apresentar evidências que permitam a compreensão dos espaços cemiteriais como lugares de manifestação de experiências religiosas diversas. O Cemitério do Bonfim, situado na cidade de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, foi escolhido para apontar algumas dessas evidências. Trata-se de uma necrópole inaugurada no final do século XIX, sob a égide da instalação do pensamento republicano enquanto um cemitério laico. Apesar desse caráter, o cemitério foi palco de diversas construções e práticas religiosas, desde sua fundação até a atualidade, permeadas pelos cultos afro-brasileiros; pela mística católica, por meio do culto ao túmulo do Padre Eustáquio; bem como ponto de referência para adeptos do Espiritismo, por intermédio do túmulo dedicado à memória de Irma de Castro Rocha, a Meimei.

Palavras-chave: Cemitério – Religião – Religiosidade – Devoção – Representação

ABSTRACT

The purpose of the article is to present evidence that allows the understanding of cemetery spaces as places of manifestation of different religious experiences. The Bonfim Cemetery, located in the city of Belo Horizonte, in the State of Minas Gerais, was chosen to point out some of this evidence. It is a necropolis inaugurated at the end of the 19th century, under the auspices of the installation of republican thought as a lay cemetery. Despite this character, the cemetery was the scene of several religious constructions and practices, from its foundation to the present, permeated by Afro-Brazilian cults; for Catholic mystique through the cult of Father Eustáquio's tomb; as well as a reference point for followers of Spiritism, through the tomb dedicated to the memory of Irma de Castro Rocha, to Meimei.

Keywords: Cemetery – Religion – Piety – Devotion – Representation

* Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Coordenadora do ASI - Arquivo de Som e Imagem, situado no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design, UEMG. Sócia-fundadora da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). CV: <http://lattes.cnpq.br/6813138729924319>

** Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). CV: <http://lattes.cnpq.br/4314225341853407>

*** Licenciado em História pelo Centro Universitário Newton Paiva. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5431458203897315>



Os cemitérios são espaços que, dentre outros aspectos, provocam e suscitam sentimentos e emoções diversas as quais transitam pela sensação de medo, terror, curiosidade, encantamento e fruição. Ao mesmo tempo, podem se traduzir em lugares de manifestações religiosas, sejam oficiais ou marginais. Oficiais são aquelas que, obviamente, se enquadram nos dogmas e pressupostos de uma determinada religião, enquanto as marginais se constituem paralelamente ao oficial, ao normativo. Por meio deste raciocínio, nos referimos ao conceito de religião como relativo às normativas e construções regulatórias que perpassam pelos ensinamentos, doutrinas, costumes, dogmas, dentre outros e que caracterizam uma determinada crença.

A noção de religiosidade atravessa e ultrapassa o normativo, explicitando um campo devocional no qual se mesclam as doutrinas, mas também se incorporam elementos populares, espontâneos, em geral dissonantes aos pressupostos regulatórios e dogmáticos. Nem por isso, estes deixam de se constituir em experiências religiosas que avivam e muito explicitam sentimentos de devoção, crença e fé. Os cemitérios se constituem em lugares a partir dos quais podemos refletir sobre as manifestações religiosas as mais diversas. É sobre estas práticas religiosas que este artigo aborda.

O Cemitério do Bonfim foi planejado e construído junto com a capital mineira, Belo Horizonte. Foi projetado seguindo os padrões e tendências em voga no final do século XIX e que preconizavam o hiegenismo, o sanitarismo, a laicização e, conseqüentemente, novas formas de lidar com a morte e os mortos. Contudo, para além de romper com o traçado proposto pela nova concepção da cidade que se planejou, o espaço cemiterial se tornou um lugar de manifestações religiosas as mais variadas. E é sobre esse caráter religioso e múltiplo cristalizado nesse espaço cemiterial de que se trata o artigo.

Para construção do presente artigo, recorreremos à pesquisa bibliográfica e à visita ao cemitério em busca do estudo *in loco*, como crucial como procedimento metodológico para formalização e concretização das evidências reveladoras para se entender o espaço fúnebre como lugar de manifestação múltipla da diversidade religiosa. As pesquisas em campo estão relacionadas à atividade de educação patrimonial, intitulada "Visitas Guiadas ao Bonfim", que se realiza desde o ano de 2012 e se vincula ao projeto de pesquisa e extensão denominado "Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial". Este projeto é desenvolvido sob a coordenação da equipe da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em parceria com a Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte (FMZB) e com o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA), cujo pressuposto fundante é explorar o acervo do espaço cemiterial, dissecando e aprofundando as múltiplas possibilidades de abordagem e compreensão nele investidas. As atividades de pesquisa e as visitas guiadas se interligam, pois é a partir da primeira que se processa a segunda, propondo itinerários no espaço cemiterial sendo religião, religiosidade e os lugares de devoção um desses roteiros oferecidos aos interessados.

A abordagem teórica sob a qual se sustenta a pesquisa está fundamentada na historiografia francesa, pioneira nos estudos sobre a morte e o morrer nas sociedades ocidentais, com destaque para as obras de Phillipe Ariès (1989, 1990), um representante singular para



estudo deste tema; bem como na historiografia brasileira, que pode ser exemplificada pela obra clássica de João José Reis (1991), que analisa o processo de resistência e aceitação dos novos modos de sepultamento que se consolidaram no século XIX, tendo como pano de fundo a Cemiterada, ocorrida em Salvador, Bahia, em 1836. Na mesma vertente, se inscrevem as pesquisas propostas pela historiadora Claudia Rodrigues (1997, 2005), ao analisar os costumes fúnebres no Rio de Janeiro do século XIX, identificando as tradições e transformações dos ritos funerários e o processo de secularização da morte na corte imperial. Sob a motivação destes pesquisadores, novos e múltiplos temas relacionados à morte e o morrer vêm se consolidando, sendo nesta esteira que as discussões propostas neste artigo se alinham.

A estrutura foi pensada da seguinte forma: num primeiro momento será analisado o contexto da fundação da cidade e, necessariamente, a construção e inauguração do cemitério municipal; em seguida, serão destacadas algumas das práticas religiosas presentes nesse local, especialmente aquelas ligadas aos cultos afro-brasileiros, às devoções ao Padre Eustáquio (1890-1943), considerado um beato para os adeptos do catolicismo e à Irma de Castro Rocha, mais conhecida como Meimei (1922-1946), uma personalidade singular para os seguidores da doutrina espírita.

A cidade e o cemitério

A construção da nova capital no final do século XIX suscitou mudanças variadas no Estado mineiro. O plano da mudança se relacionava com a nova configuração política que se desenhou com a proclamação da República e, conseqüentemente, a construção de um imaginário que colocasse em evidência os novos valores que se pretendia consolidar com o novo regime (Carvalho, 1990). A nova capital dos mineiros tinha como objetivo integrar as várias regiões de Minas Gerais e, assim, fortalecer economicamente o Estado. Tais regiões apresentavam-se muito mais próximas dos Estados fronteiriços do que propriamente com o Estado mineiro. O que, de fato, não contribuía para o fortalecimento econômico dos mineiros (Iglésias *et al.*, 1990, p. 219).

No dia 17 de dezembro de 1893, o então presidente de Estado, Afonso Pena (1847-1909)¹, assinou o decreto que autorizava a construção da nova capital mineira. Com prazo definido de quatro anos, para se cumprir o tempo estimado foi criada uma comissão com o propósito de pensar os espaços da nova capital, retirando-a do projeto e trazendo-a à realidade. A Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), chefiada por Aarão Reis (1853-1936)², realizou o traçado da cidade que seria intitulada Cidade de Minas.

Um dos pontos de interesse da recém projetada cidade dizia respeito ao cuidado com os mortos na futura capital. Obedecendo ao discurso sanitarista daquela época, uma das

¹ Afonso Augusto Moreira Pena foi governador do Estado de Minas Gerais entre 1882 e 1894, era membro do Partido Republicano Mineiro e foi o 6º presidente do Brasil.

² Aarão Leal de Carvalho Reis (Belém, Pará - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro). Engenheiro, arquiteto e urbanista. Estudou na Escola Central do Rio de Janeiro (Escola Politécnica) onde obteve os títulos de engenheiro-geógrafo, bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas e engenheiro civil. Foi professor, jornalista, ocupou cargos públicos importantes, além de defender ideais republicanas e positivistas. Em 1895 pediu exoneração do cargo que ocupava na Comissão Construtora da Nova Capital, sendo substituído por Francisco Bicalho (1847-1919).



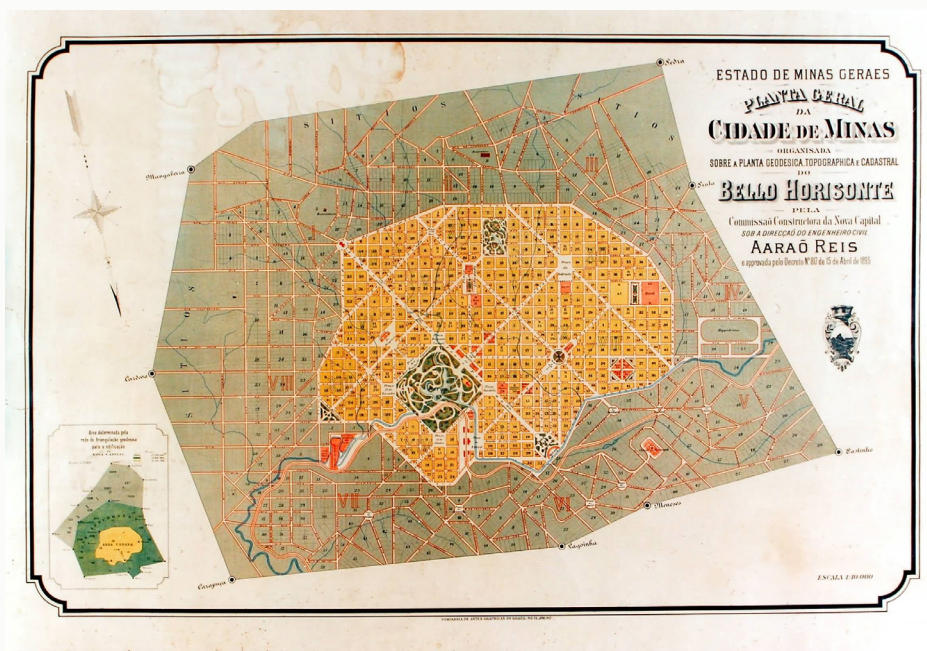
primeiras medidas tomadas pela CCNC foi proibir os enterramentos no adro na Matriz de Boa Viagem, que era o ponto central do Arraial do Belo Horizonte.³ Um cemitério provisório foi providenciado até que se concretizasse a construção do novo local de enterramento, seguindo os modelos e orientações consideradas modernas naquela ocasião.

A ordenação era o princípio norteador, havendo lugares definidos para os equipamentos necessários ao funcionamento da capital, dentre os quais o cemitério. A organização da cidade impunha aos moradores os lugares e os espaços que deveriam ocupar. A grande avenida contornava as fronteiras internas, delimitando até onde a modernidade urbana deveria alcançar. Camada protetora que abrigava em seu interior a tão sonhada e feérica cidade com suas ruas desenhadas à régua e compasso, prédios previamente concebidos adotando modelos arquitetônicos e estéticos que pudessem em toda sua carga simbólica revelar os novos tempos.

Se havia projetos para os vários espaços a serem ocupados na cidade, o do cemitério foi também pensado. O terreno com área aproximada de 170.036 metros quadrados, num local conhecido como “Menezes”, distante 650 metros do perímetro urbano foi o ponto escolhido. O lugar era alto e arejado, de solo seco e argiloso-arenoso, tendo em sua proximidade uma pedreira o que facilitaria a construção. As obras de preparação dos terrenos e construção do cemitério e necrotério foram iniciadas tendo como empreiteiro o Conde de Santa Marinha.⁴

A localização do cemitério na planta da capital nos fornece subsídios para entendermos as propostas de organização do espaço urbano e suburbano em voga à época. Deveria ser amplo, arejado, a céu aberto, ocupando espaço suficiente para expansão e abrigo dos mortos que a cidade dos vivos naturalmente iria produzir; sem, contudo, perder o caráter de modernidade sob a qual era engendrada (ver figura 1).

Figura 1 – Planta Geral da Cidade de Minas. 1894



Fonte: Museu Histórico Abílio Barreto. Belo Horizonte (MG)

A convivência entre mortos e vivos já não podia ser tolerada, daí a equilibrada distância a ser mantida especialmente fora do perímetro urbano, na zona determinada como suburbana na planta da capital, num local de fácil acesso, mas que não maculasse a ordem através da qual a cidade se organizava.

Em mensagem remetida ao Conselho Deliberativo da capital, o prefeito Bernardo Pinto Monteiro (1857-1924)⁵ afirmou acerca da necrópole:

situado acerca de 2 Kilometros do centro commercial, occupa uma elevação aprazível pelos ventos, que levam para longe as emanações que dali escapam. Foi um logar admiravelmente escolhido, abrangendo uma área de 171.400 m². As ruas bem niveladas e arborizadas, as quadras limpas e bem tratadas e as flores sobre as sepulturas emprestam já certo tom que impressiona bem nesse canto onde cada um de nós conta com despojos de um ser amigo.⁶

Percebe-se que a localização do cemitério, sua organização espacial, ordenamento das ruas, arborização e estética era objeto de preocupação do poder público, especialmente naquilo que dizia respeito ao devido equilíbrio entre a cidade dos viventes e o espaço dos mortos.

O Cemitério Municipal, mais conhecido como Cemitério do Bonfim, foi inaugurado no dia 08 de fevereiro de 1897, consolidando as novas práticas de sepultamento, agora em uma cidade nova e moderna. Ele foi o único por muitos anos, pelo menos até 1942, quando outro cemitério começou a funcionar, o Cemitério da Saudade, localizado na zona leste da cidade. Desde o início do funcionamento, o Cemitério Municipal cumpriu suas atividades ligadas ao culto, zelo e preservação da memória dos mortos nele sepultados. Trata-se, obviamente, de sua função primeva. O lugar é espaço para construções tumulares, seja de grandes dimensões ou mesmo um simples ornamento fotográfico.

Contudo, o espaço fúnebre é palco das mais diversas experiências de caráter religioso que se expressam na decoração tumular e na iconografia sacra presente em diversos túmulos, elaborando uma referência evidente ao Cristianismo. São inúmeras as obras de arte que representam, de algum modo, a fé das pessoas ali enterradas e de seus familiares. Há que se destacar, porém, outros tipos de práticas ligadas à memória e às crenças populares que se manifestam no cemitério; dentre elas, podemos citar a celebração e transformação de alguns túmulos em ponto de peregrinação ou marco simbólico de devoções particulares.

Destacamos os túmulos do beato Padre Eustáquio, da veneranda Irmã Benigna (1907-

⁵ Nasceu em Ubá, na então província de Minas Gerais, no dia 11 de novembro de 1857, filho de José Mariano Pinto Monteiro, major da Guarda Nacional, e de Carolina Duarte Monteiro. Estudou humanidades no Seminário de Mariana (MG) e no Colégio Progresso, em Juiz de Fora (MG). Iniciou suas atividades políticas em 1889 e entre o período de 12 de setembro de 1889 a 7 de setembro de 1902, durante o governo de Francisco Silviano de Almeida Brandão (1898-1902) ocupou o cargo de prefeito em Belo Horizonte. Também foi deputado e senador. Faleceu no Rio de Janeiro em 1924.

⁶ Mensagem ao Conselho Deliberativo da Cidade de Minas apresentada em 19 de setembro de 1900 pelo prefeito Dr. Bernardo Pinto Monteiro. Cidade de Minas: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1900, p.47.



1981)⁷ e da menina Marlene (1945-1958)⁸, que possuem fundamentos e orientações religiosas mais conectadas com a religião católica. Contudo, é possível constatar vestígios de rituais devocionais ligados às religiões afro-brasileiras e a presença da devoção espírita, através do túmulo de Irma de Castro Rocha (1922-1946), mais conhecida como Meimei. A seguir analisaremos algumas dessas experiências religiosas.

Das práticas devocionais das religiões afro-brasileiras às experiências de fé cristãs: experiências religiosas no Cemitério do Bonfim

Para entendermos o lugar das religiões afro e seus cultos no Cemitério do Bonfim é necessário exemplificar algumas das práticas que se manifestam sob esta vertente no interior desse espaço. Esses cultos não possuem a mesma evidência e aceitação que as religiões consideradas oficiais, a exemplo do Catolicismo. Nesse sentido, são mais discretas e, em alguns momentos, quase invisíveis. Para compreender esse sentido de quase invisibilidade é relevante uma digressão ao passado para entendermos como essas religiões chegaram ao Brasil, suas influências e formas de percepção por parte dos frequentadores desses locais. Por fim, verificaremos porque algumas religiões se utilizam dos espaços cemiteriais para realizarem seus cultos e oferendas.

Começemos com a chegada dos negros ao Brasil. É sabido que vieram à força, prisioneiros e foram escravizados. Uma das primeiras providências dos colonizadores foi cristianizar seus escravos e, logo depois, censurar sua cultura e costumes. Mas essa escravidão não foi pacífica, houve resistência por parte dos negros. Segundo Bastide (1960, p. 396), “o negro, para não afundar na pior solidão, se integrou ao catolicismo rural”. Dentre outras formas de reação de contraponto ao colonizador, ele manteve suas crenças, sua fé e procurou simular uma submissão.

Segundo Botelho (1982), a religião dos negros era baseada nas forças da natureza personificadas em divindades. Os cultos aos deuses eram fervorosos e, por meio da magia, eles tentavam se vingar de seus opressores, fazendo pactos com energias negativas e com isso tornando essa fé na visão dos colonizadores como uma seita demoníaca e temida. Durante o período colonial e imperial, as religiões africanas eram proibidas e para iludir seus senhores os negros simulavam adorar os santos católicos. Porém, na verdade, continuavam com sua fé que terminou por fundir diversas crenças africanas, crenças ameríndias e cristãs (Botelho, 1982).

Sob o ponto de vista da pesquisadora Pingo (2018, p. 44) pode-se considerar que: “Dessa forma, poderíamos dizer que as práticas culturais e religiosas são formas genuínas de

⁷ Maria da Conceição Santos ingressou, em 1935, para a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, tendo realizado seus primeiros votos em 1936 e adotado o nome de Irmã Benigna Victima de Jesus. Conduziu sua vida religiosa ajudando ao próximo e, principalmente, aos pobres e desvalidos. Depois de sua morte, em 1981, seu túmulo localizado no Cemitério do Bonfim, passou a ser lugar de orações e, em pouco tempo, ganhou fama de milagreira. Desde 2012 os restos mortais foram exumados e conduzidos para a capela na Serra da Piedade e se realiza, no Vaticano, o processo de beatificação da freira também conhecida, entre os fiéis, como a Santa da Hora, a Santa da Salve Rainha e da Fartura.

⁸ Marlene Maria dos Santos faleceu aos 13 anos e em torno de sua morte criou-se uma aura de mistério e incertezas, sendo considerada, popularmente uma milagreira.



vivenciar e se apoderar da essência da força e resistência da cultura ancestral africana”. Mesmo após a Proclamação da República, a cultura negra continuou sendo marginalizada. O processo de embranquecimento do povo brasileiro é um fato revitalizado com o incentivo público à imigração europeia ao Brasil. Ressaltamos essa marginalização da cultura africana quanto à transformação de suas cerimônias, cultos e danças em casos de Polícia. Sob a perspectiva da mencionada pesquisadora:

até as primeiras décadas do século XX, o samba era considerado música lasciva, a capoeira, uma expressão de violência física dos “negros malandros”, e o candomblé e a umbanda eram tidos como feitiçaria, curandeirismo e “magia negra”. Muitos de seus praticantes foram presos (Pingo, 2018, p. 44).

Com a ascensão de Getúlio Vargas (1882-1954)⁹ ao poder, em 1930, ocorreu a disseminação do nacionalismo brasileiro. Alguns dos símbolos negros foram utilizados para ilustrar uma democracia racial brasileira e, com isso, uma institucionalização das crenças afro e ameríndias. Nas diversas religiões e cultos também ocorria uma hierarquia, estudada por Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906)¹⁰ sendo, ele próprio, um dos incentivadores da segregação entre negros e brancos (Pingo, 2018).

Isaia aponta a reação do catolicismo contra o crescimento de uma religião que tentava se revelar como um credo genuinamente brasileiro, pondo em risco o clero e a religião católica. Como reação,

Nas décadas de 40 e 50 abundam nas revistas católicas os artigos que atacam, não só o conteúdo “herético” da Umbanda, Espiritismo e cultos africanos, como também denunciam seu “atraso”, capaz de expor um amplo contingente da população a uma situação oposta à miragem de desenvolvimento que inebriava o país. Essas publicações acentuavam a alteridade da Umbanda e das manifestações religiosas de matriz africana com o Brasil católico, branco, civilizado e desenvolvido. O “anti-Brasil” representado pela Umbanda e religiões africanas precisava ser civilizado e catequisado (Isaia, 1998, p. 37).

Nesse cenário complexo surgiu a Umbanda, que podemos comparar ao surgimento do Cristianismo, pois surge em um período de opressão entre as classes mais pobres e carentes.

⁹ Getúlio Dornelles Vargas nascido em São Borja Bacharel pela Faculdade de Direito de Porto Alegre (1907), elegeu-se pelo Partido Republicano Rio Grandense, deputado estadual, deputado federal e líder da bancada gaúcha, entre 1923 e 1926. Foi Ministro da Fazenda de Washington Luís (1926-27) e presidente do Rio Grande do Sul (1927-1930). Em 1929 candidatou-se à presidência da República na chapa oposicionista da Aliança Liberal. Derrotado, chefiou o movimento revolucionário de 1930, através do qual assumiu em novembro deste mesmo ano o Governo Provisório (1930-34). Durante este período, Vargas deu início à estruturação do novo Estado, com a nomeação dos interventores para os governos estaduais, a implantação da justiça revolucionária, a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e a promulgação das primeiras leis trabalhistas.

¹⁰ Raimundo Nina Rodrigues, médico descendente de judeus, nascido no interior do Maranhão. Iniciou seus estudos na capital maranhense onde passou pelo Colégio São Paulo e Seminário das Mercês. Veio para Salvador, na Bahia, quando se matriculou na Faculdade de Medicina da Bahia - FAMEB aos 19 anos, porém, deslocou-se novamente e doutorou-se no Rio de Janeiro, em 1887, defendendo a tese “Das Amiotrofias de Origem Periférica”. Seu nome está ligado à antropologia criminal e aos estudos sócio-etnológicos dos negros no Brasil, na análise do contexto histórico e cultural da época. Até hoje, existem controvérsias em relação ao seu racismo contra os negros.



No entanto, em contraste com o Cristianismo, não houve um messias, nem tampouco uma doutrina. Contudo, qual seria a origem da Umbanda? Numa mescla de lenda e realidade, a história da Umbanda, sofre modificações dependendo da narrativa, mas uma explicação que se repete em todos os relatos é a de que um jovem, chamado Zelio de Moraes¹¹, ao completar dezessete anos, apresentava certas patologias que eram desconhecidas pelos médicos à época. O rapaz fora levado a hospitais psiquiátricos, a padres para rituais de exorcismo, e finalmente a uma curandeira. Foi ela quem afirmou que o rapaz teria dons mediúnicos e deveria ser conduzido a centros para trabalhos de caridade. Em 15 de novembro de 1908, Zélio de Moraes incorporou o espírito de um caboclo denominado Sete Encruzilhadas e declara a todos que estavam presentes no Centro que, a partir daquele instante, começava um novo culto cujos conselhos viriam de espíritos de africanos e índios que trabalhariam em favor dos encarnados para fins da caridade e tal culto se chamaria "Umbanda" (Birman, 1985; Lopes, 2004 e Oliveira, 2003).

Para a maioria dos umbandistas, a figura de Zélio de Moraes representa o marco temporal da criação da Umbanda, tendo a data do surgimento do culto como parte do calendário oficial das cerimônias religiosas tais quais as datas comemorativas dos orixás¹², mostrando a importância deste acontecimento e seu simbolismo para toda a sociedade umbandista (Oliveira, 2003).

A Umbanda nasce, pois, da mistura crenças advindas da África, com cultos a índios nascidos no Brasil e também com ensinamentos tirados do Kardecismo¹³. Em seus cultos e cerimônias ocorrem algumas peculiaridades. Uma delas é a prática de se colocar padês¹⁴ no interior dos cemitérios e realizar cultos nesses locais como ilustra a figura 2, na qual se vê uma tigela de barro repleta de frutas frescas, rosas amarelas e pipoca. Esta oferenda foi encontrada em um lugar singular no espaço cemiterial, numa encruzilhada, próxima ao prédio do antigo necrotério. Local pleno de carga simbólica por excelência. Não foi possível identificar quem deixou a oferenda no local e tampouco para qual entidade era presenteada. Podemos inferir que uma das características desse tipo de prática religiosa é a discrição e, principalmente, o desinteresse na existência de uma plateia que possa assistir e acompanhar, a não ser que esteja diretamente envolvida com o culto.

De acordo com Botelho (1982), Omulú é o orixá que rege a morte e a passagem para o plano espiritual, o momento do desencarne. É o dono dos cemitérios, responsável pela passagem da vida para a morte e também para guiar os espíritos para os locais considerados adequados em conformidade com sua vida terrestre. Para alguns, Omulú é correlato, na devoção católica, a São Lázaro e tem como reinos a terra e o cemitério. É o orixá da transformação e da

¹¹ Zélio Fernandino de Moraes (nasceu em São Gonçalo/ RJ, 10 de abril de 1891, morreu em 3 de outubro de 1975) foi um médium brasileiro. É considerado o anunciador da Umbanda.

¹² "A luz que se releva", ou seja, no princípio da criação, DEUS, manifestou sua intenção, e sua intenção são os orixás denominado "divindade e esses, em termo africanizado, significa "ori" = cabeça, "xá" = iluminação, então, temos "cabeça iluminada" ou "espírito iluminado".

¹³ [Religião] Doutrina religiosa cujos preceitos afirmam ser possível a reencarnação do espírito, formulada por Allan Kardec (1804-1869) pseudônimo do escritor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail.

¹⁴ Regionalismo: Bahia, "cerimônia expiatória do candomblé e de religiões de origem ou influência afro-brasileira, na qual se oferecem a Exu, antes do início das cerimônias públicas ou privadas, alimentos e bebidas votivas, animais sacrificiais etc., na intenção de que não perturbe os trabalhos com seu lado malévolo e que agencie a boa vontade dos orixás que serão invocados no culto; despacho (de Exu).



evolução. Há duas linhas de trabalho, as de direita, que seriam orixás, Preto-Velhos, Caboclos, Crianças, Marinheiros e a linha de esquerda, que seriam o povo da rua, espíritos guardiões (os Exus, Pomba-gira e Ciganos). Estas entidades estão em um degrau abaixo e trabalham para aqueles que mais necessitam para poderem evoluir (Botelho, 1982).

Figura 2 – Padê ofertado



Fonte: Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte (MG), 2018

De acordo com Botelho (1982), Omulú é o orixá que rege a morte e a passagem para o plano espiritual, o momento do desencarne. É o dono dos cemitérios, responsável pela passagem da vida para a morte e também para guiar os espíritos para os locais considerados adequados em conformidade com sua vida terrestre. Para alguns, Omulú é correlato, na devoção católica, a São Lázaro e tem como reinos a terra e o cemitério. É o orixá da transformação e da evolução. Há duas linhas de trabalho, as de direita, que seriam orixás, Preto-Velhos, Caboclos, Crianças, Marinheiros e a linha de esquerda, que seriam o povo da rua, espíritos guardiões (os Exus, Pomba-gira e Ciganos). Estas entidades estão em um degrau abaixo e trabalham para aqueles que mais necessitam para poderem evoluir (Botelho, 1982).

A relação dos Exus com os cemitérios destaca-se por serem essas entidades as responsáveis pela guarda dos portões de entrada e saída dos planos espirituais, segundo Lages

A origem de Exu é uma questão bem polêmica para os umbandistas. Um dos relatos de sua origem fica bem próximo daquela que conta a história de Lúcifer, o "Anjo Decaído" que se rebelou contra as ordens de Deus. Esta versão apresenta Exu sob três aspectos⁹⁴: o de Lúcifer, que transmite ordens a outros dois grandes Exus, o Marabô e o Mangueira; o de Bêelzebuth, que transmite ordens a Exu Tranca-Ruas e Exu Tiriri e o aspecto de Aschtaroth, que ordena Exu Veludo e Exu dos Rios. A partir de tal ordenação outras subdivisões vão surgindo, chegando no final a aproximadamente quarenta Exus (Lages, 2003, p. 28-29).

Pensando nessa relação de Exu com o cemitério, identificamos um túmulo existente

no Cemitério do Bonfim em cuja composição estética se identifica uma grande rocha negra que nos permite relacionar com a pedra de Exu e também de Omulú, pois as rochas negras são representativas dessas entidades. Segundo Botelho (1982), animais, ao serem sacrificados, oferecia aos espíritos obsessores ou espíritos com problemas de evolução a energia vital para seu desenvolvimento. Os Exus seriam entidades que auxiliariam nessa evolução, sendo a eles atribuídas algumas oferendas encontradas no referido túmulo (ver figuras 3 e 4).

Figuras 3 e 4 – Túmulos do Cemitério do Bonfim



Fonte: Projeto Visitas Guiadas. Belo Horizonte (MG), 2019

Atualmente é mais raro localizar oferendas com animais sacrificados, pois o Cemitério do Bonfim é mantido fechado ao acesso público durante a noite e, por norma, é nestes momentos de pouco movimento, silêncio e privacidade que são externados os pedidos. Algumas oferendas costumam ser encontradas nos entroncamentos entre quadras e ruas do cemitério destinadas ao Exu, considerado “o rei das encruzilhadas” (Lages, 2003). Desta forma, o espaço cemiterial abriga, em seu interior, lugares para práticas religiosas e cultos que estão além das práticas religiosas hegemônicas. Obviamente que não estamos aqui realizando um estudo complexo das religiões afro-brasileiras, mas apontando para sua existência e manifestação explícitas no cemitério que estudamos.

Oferendas e pedidos também são localizados nos túmulos cuja base religiosa se entrecruza com os cultos voltados para o Cristianismo. Destacamos aqui o túmulo dedicado à memória de Padre Eustáquio. Padre Eustáquio Van Lieshout chegou ao Brasil em 1925 com a missão de fundar uma comunidade da Congregação dos Sagrados Corações. Veio em companhia de dois outros padres, tendo se estabelecido, inicialmente, na região do Triângulo Mineiro na cidade de Romaria.

O sacerdote permaneceu naquele local entre os anos de 1925 e 1935, atuando de forma expressiva, tendo fundado o novo Santuário de Nossa Senhora da Abadia da Água Suja. Em 1935 foi transferido para São Paulo sobre forte protesto da população de Romaria, que sitiou a casa paroquial e arrancou todos os “mata-burros” da pequena cidade do interior das Minas Gerais com o intuito de dificultar o deslocamento do padre para fora da cidade (Hulselmans, 1944).

No Estado paulista, Padre Eustáquio passou a viver na cidade de Poá e nela permaneceu entre os anos de 1935 e 1941 atuando como vigário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Ali construiu uma gruta em honra à santa que dá nome à paróquia. Após a construção da gruta, o chamado vigário de Poá, misturou a água do poço que abastecia a gruta, à água de Lourdes, trazida pelo próprio padre quando havia peregrinado pela região no período que usufruía de férias, entre os anos de 1935 e 1936, na Holanda, sua terra natal (Hulselmans, 1944).

Parte da população de Poá praticava as orientações do Espiritismo¹⁵, principalmente naquilo que estava ligado à chamada água fluidificada.¹⁶ A procura da população local pelos centros espíritas da cidade paulista e também pela água energizada pelos espiritualistas causava incomodo ao padre de Poá, tendo enxergado como solução atribuir uma nova funcionalidade à água benta naquela localidade (Hulselmans, 1944, p. 75).

Na tentativa de converter aqueles que encontravam no Espiritismo a solução para os problemas de saúde e da vida, Padre Eustáquio procurou desde o início controlar a situação que encarava como grande problema. Para ele, uma coisa era certa, as águas espíritas deviam ser substituídas por águas bentas (Hulselmans, 1945 e Almeida, 2015).

¹⁵ Espiritismo, Kardecismo ou Espiritismo Kardecista é uma doutrina religiosa calcada em fundamentos científicos e filosóficos. A base da crença se relaciona na ideia do processo de constante evolução espiritual que se dá através da reencarnação. Esta doutrina surgiu no século XIX, na França, a partir dos estudos do educador Hippolyte Léon Denizard Rivail, também conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec (1804 – 1869).

¹⁶ Água comum à qual são acrescentados fluidos curadores através da magnetização das energias concentradas durante as sessões de fluidoterapia.



O tratamento devotado pelo padre aos pobres e doentes da localidade fez com que o mesmo se tornasse muito querido em Poá. Além da dedicação aos pobres e doentes da cidade, o padre passou a ser visto pelo povo como homem santo, devido aos relatos de milagres realizados para aqueles que haviam utilizado a água da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, construída por ele (Almeida, 2015).

Mas o que ocorreu é que inicialmente a água milagrosa da gruta de Lourdes, replicada em Poá, não surtiu o efeito esperado pelo religioso. Somente após o pároco informar que a água trazida do santuário francês de Lourdes havia acabado e, que a partir de então, ele próprio passaria a benzer a água do poço é que o povo passou a dizer e acreditar que água da gruta era miraculosa, passando a atribuir as benesses ao padre benfeitor. Muitos fiéis passaram a levar a água de casa, com o propósito de santificá-la (Almeida, 2015).

Logo, a fama de milagreiro se espalhou não só pela cidade de Poá, mas por outras partes de São Paulo e do Brasil. Instrumentos da mídia como o “Diário da Noite” e a “Rádio Excelsior”, de São Paulo, se encarregaram de amplificar a imagem do Padre Eustáquio para além das fronteiras paulistas. Em pouco tempo Poá passou a ser ponto de peregrinação, não tendo estrutura adequada para receber tantos fiéis que buscavam não só a água da gruta, que tinha a fama de miraculosa, mas também audiências com o padre (Hulselmans, 1944 e Almeida, 2015). Diante de tal situação, as autoridades católicas e civis optaram por retirar o religioso da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, em Poá, e abrigá-lo em uma fazenda na cidade de Rio Claro, também no Estado paulista. Uma segunda medida foi tomada pelas autoridades católicas e civis: a troca do nome do padre, que passaria ser chamado de José.

A prática de tais medidas adotadas pelas autoridades da Igreja Católica não obteve o resultado esperado pelos mesmos, pois a população encontrou o paradeiro do chamado vigário de Poá. Como solução, ele passou a ser enviado pelas autoridades eclesiásticas a diferentes localidades, como a capital paulista São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro, não permanecendo por muito tempo nessas cidades devido à fama de padre santo (Hulselmans, 1944). Nenhum grande centro do país parecia estar apto a receber alguém como o Padre Eustáquio, com fama de milagroso. Como último destino foi transferido para Belo Horizonte, cidade com pouca idade, capaz de camuflar e mitigar os poderes o vigário holandês.

Padre Eustáquio foi para Belo Horizonte enjeitado, ninguém sabia onde colocar Padre Eustáquio. Ele foi para Belo Horizonte com a obrigação de não fazer milagre. Pois para Deus não tem isso. Ele fez... trocou nome de rua, trocou nome de bairro, trocou nome de Igreja, trocou tudo... pra ver o que é a pessoa marcada por Deus. Padre Eustáquio com o seu 'Saúde e Paz' chegou a todas as famílias, de JK (Juscelino Kubitschek, então prefeito) até o mais simples e pobre dos cristãos". Cardeal D. Serafim Fernandes de Araújo, Arcebispo Emérito de Belo Horizonte.¹⁷

Padre Eustáquio chegou a Belo Horizonte em 04 de abril de 1942. No ano seguinte apresentou a maquete da futura Matriz de Sagrado Corações. O vigário permaneceu na capital

¹⁷ Padre Eustáquio. Disponível em: <http://www.padreeustaquio.com.br/novo/default.asp?pag=p000002> Data de acesso: 30/09/2019.



mineira, exatos 16 meses, até a ocorrência de sua morte, em 30 de agosto de 1943. Mesmo ficando tão pouco tempo entre a população de Belo Horizonte, a presença do religioso causou impacto na região. Vários foram os lugares aos quais foi chamado, bairros e cidades: Santa Tereza, Capela Maria Auxiliadora, Jornal O Diário, Lagoinha, Barro Preto, Floresta, Nova Lima, Itaúna, Montes Claros, Calafate, Colégio Imaculada, Instituto São Rafael, Catedral da Boa Viagem, Pedro Leopoldo, Engenho Nogueira, Bento Pires, Colégio Arnaldo, Patrocínio, Santa Casa, Instituto dos Industriários, Sanatório Minas Gerais, Renascença, Igreja de Lourdes, Colégio São Pascoal, Companhia Força e Luz, Colégio Sagrado Coração de Jesus.¹⁸

Em Belo Horizonte, Padre Eustáquio esteve à frente da capela Cristo Rei, pertencente à Paróquia São Domingos. A procura da população pelo padre era constante, chegando a serem distribuídas senhas para atendimento devido ao grande fluxo de pessoas que iam à Capela Cristo Rei. A região em que viveu acabou se transformando, em decorrência das obras sociais por ele realizadas. Inicialmente, o hoje bairro Padre Eustáquio era um conjunto de vilas operárias, cuja população era muito pobre. O local onde a Capela Cristo Rei estava erguida era a Vila Celeste Imperial e de lá o padre tanto atendia a população que o procurava quanto partia, muitas vezes a pé, para evangelizar outras regiões da cidade.

O hábito de não cuidar muito bem de sua aparência, até mesmo da própria higiene pessoal, era alvo de críticas de seus pares. Em certa medida, poderia ser uma prática realizada pelo padre taumaturgo de maneira racional, como tentativa de não afastar os mais humildes do seu convívio. A morte ocorrida em função da febre maculosa, adquirida pela picada de um carrapato transmissor da moléstia, pode ser explicada pela falta de cuidado maior por parte do padre, que peregrinava pelos caminhos esburacados e pastos para atender seu rebanho de fiéis.

O padre missionário, nascido na Holanda, batizado pelos seus pais com o nome de Humberto Lieshout, agora era padre Eustáquio e, fizera de Belo Horizonte, assim como do Brasil, a sua pátria. Na Vila Celeste Imperial lançou, em vida, a pedra fundamental da construção da futura Igreja Paroquial de São Domingos, no dia 16 de maio de 1943, mas previu que não estaria entre os vivos quando a obra terminasse. "Não verei o fim da guerra. Comecei a igreja, mas não a terminarei" (Andrade, 1990, p. 121). Padre Eustáquio, faleceu no dia 30 de agosto de 1943, no Hospital Sanatório de Minas Gerais, hoje Hospital Alberto Cavalcante. O quarto em que passou seus últimos dias, em estado de agonia extrema, ainda é preservado do mesmo jeito em que se encontrava por ocasião da sua morte.

Os jornais da capital mineira noticiaram todos os acontecimentos após a divulgação da morte do vigário Eustáquio, motivando cerca de 20 mil pessoas a passarem pelo velório realizado na Matriz provisória, situada à Rua Contagem 2.166.

O movimento foi tanto que, para satisfazer à população piedosa e sem recursos, a direção da Companhia Força e Luz tirou diversos bondes que serviam outras linhas da capital para levar e trazer até o centro da cidade, gratuitamente, o maior número possível de passageiros. Havia momentos em que viam-se filas de seis a oito bondes enfileirados na

¹⁸ Idem.



subida do morro do Carlos Prates (Andrade, 1990, p. 136).

O cortejo deixou a Matriz improvisada às 11 horas da manhã, seguindo rumo ao Cemitério do Bonfim, distante aproximadamente quatro quilômetros. Uma multidão incontável de pessoas seguiu em procissão até o local do sepultamento. O túmulo estava cercado de autoridades eclesiásticas e civis e o seu interior estava coberto por flores atiradas pela população devota do Padre Eustáquio.

A partir de então, o jazigo de Eustáquio se tornou ponto de veneração e peregrinação da população de Belo Horizonte em especial. No dia seguinte ao enterramento, uma cruz preta contendo as datas de nascimento e morte do padre foi colocada sobre a sepultura. A devoção ao vigário holandês continuava após sua morte, transformando o túmulo em altar para pedidos e agradecimentos pelas graças alcançadas. E assim, "seu túmulo tornou-se glorioso. Todos os dias, os fiéis o cobriam de bilhetes com pedidos de graça, com ex-votos, velas acesas e muitas flores, símbolo de gratidão, de necessidade e de esperança" (Andrade, 1990, p. 138).

No dia 31 de janeiro de 1949, seis anos após o sepultamento, os restos mortais do religioso foram removidos e trasladados para igreja que ele havia idealizado pouco antes da morte. O templo havia sido construído em um terreno da Prefeitura de Belo Horizonte, doado pelo prefeito da época, Juscelino Kubistchek. Na capela, à direita da entrada da igreja, um novo túmulo foi construído para receber o mentor da Igreja Matriz de Sagrados Corações. Atualmente, Padre Eustáquio foi reconhecido como beato pela Igreja Católica. O processo de canonização, iniciado em 1956, continua em andamento e vários são os relatos de pessoas que afirmam ter recebido graças por intercessão do "vigário santo". Alguns desses milagres estão em análise no Vaticano para atestar a santidade de Eustáquio van Lieshout. Padre Eustáquio foi beatificado em 15 de junho de 2006, em cerimônia solene realizada no Estádio Governador Magalhães Pinto, popularmente conhecido como Mineirão, para um público de 70 mil pessoas.

As visitas ao túmulo de Padre Eustáquio no Cemitério do Bonfim permanecem ativamente, mesmo a população tendo conhecimento de que o corpo do falecido já não se encontra no local. O jazigo, doado perpetuamente pela Prefeitura de Belo Horizonte à Congregação de Sagrados Corações, tem como ornamento uma foto do Padre Eustáquio, a mesma que compõe o passaporte do padre tido como santo por seus fiéis e várias são as manifestações de agradecimento e pedidos de interseção sobre o túmulo do Bonfim.

Com relação à Irma de Castro Rocha, também conhecida como Meimei, é possível constatar que não há uma procura da população pelo túmulo com a intenção de realizar agradecimentos e pedidos. Ainda assim, o que atrai a atenção para a sepultura dessa mulher? O que podemos utilizar como resposta está ligado à difusão de uma doutrina que busca o discurso científico, mas ao mesmo tempo nega o materialismo, premissa básica das ciências. Porém, o discurso da ciência passa a ser aquele que servirá como pavimento para a explicação de fenômenos que estão além do materialismo, matéria-prima do movimento científico (Bueno, 2009).



Figura 5 – Túmulo dedicado ao Padre Eustáquio



Fonte: Projeto Visitas Guiadas. Acervo do Cemitério do Bonfim Belo Horizonte (MG), 2019

A doutrina espírita nasceu na Europa do século XIX, mais precisamente na França, tendo como pano de fundo fenômenos não explicáveis pela ciência. Eram os fenômenos das mesas giratórias e batidas que se propunham a responder as indagações de quem presenciava tais acontecimentos. Não demorou muito para que esses acontecimentos se transformassem em produto espetacular e passassem a ser propagados como entretenimento. A personalidade singular para construção e consolidação do Espiritismo foi o educador, escritor e tradutor francês Allan Kardec (1804-1869)¹⁹, que passou a estudar os fenômenos, a decodificar as mensagens e a formular estudos que até hoje direcionam os preceitos norteadores da doutrina. De acordo com Célia Arribas,

mesas giravam e barulhos estranhos eram ouvidos por pessoas que se reuniam em sessões de entretenimento justamente para ver o espetáculo. Uma onda de novidades extra-cotidianas pairava na Europa do século XIX, sobretudo em terras francesas (Arribas, 2008, p. 19).

Diante desses fenômenos, contudo, Allan Kardec enxergou a possibilidade de explicá-

¹⁹ Allan Kardec é o nome adotado por Hippolyte Léon Denizard Rivail, certo de que este personagem é um dos espíritos encarnados por ele. A adoção deste nome se deu por volta de 1885 e assim foi mantido até sua morte em 1869. Em seu túmulo, no cemitério de Père Lachaise (Paris), uma inscrição sintetiza a concepção evolucionista da Doutrina Espírita: "Nascer, Morrer, Renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei"

los à luz dos preceitos científicos: “como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental” (Kardec, 2001, p.16). Deste modo, não negando a ciência e seus métodos, partiu da premissa de que o sobrenatural não existia. Entretanto, inexistia por parte da humanidade o conhecimento total de todas as leis naturais existentes, sendo a espiritualidade um braço capaz de explicar o que o materialismo não tinha condições de responder.

Tomando como base a premissa de Kardec, de negar a existência do sobrenatural, o Espiritismo surgia na França como uma ciência que ligada, através de métodos próprios baseados nos métodos das ciências até então existentes, ao objeto, não da matéria, mas sim do espírito. A problematização do Espiritismo como ciência se debruçaria na busca de respostas ligadas ao campo espiritual e das manifestações dos espíritos (Arriba, 2008).

Esse é o quadro que se apresentava na Europa do século XIX, no que se diz respeito ao Espiritismo não como religião, mas como uma ciência. Entretanto, na transmigração da doutrina para o Brasil, houve uma mudança quanto aos aspectos de origem do Espiritismo, adquirindo contornos mais próximos à mística e à religião. Um dos fatores propagadores do Espiritismo no seio da sociedade brasileira foi o movimento encabeçado pela doutrina espírita, nascido na Federação Espírita Brasileira (FEB), intitulado Assistência aos Necessitados, cujo lema era levar a cura ao corpo físico e ao espírito através de um corpo de médiuns e médicos, propondo receitas de remédios homeopáticos e água fluidificada.

Esse caráter curativo, não só do espírito, mas também do corpo físico – se é que na concepção da doutrina espírita pode ser dito de forma separada – funcionou como atrativo para os novos adeptos do Espiritismo brasileiro, sendo Meimei um exemplo para esta corrente espiritual.

Irma de Castro Rocha nasceu na cidade mineira de Matheus Leme, em 1922, e aos 20 anos mudou-se para a capital mineira, Belo Horizonte. Durante a infância sofria muito devido a sua frágil saúde. Sofria de nefrite crônica, o que a impediu de concluir os estudos na Escola Normal de Itaúna.²⁰ Ao mudar-se de Itaúna, onde vivia desde os cinco anos de idade, para Belo Horizonte, na companhia de um parente, a jovem conheceu Arnaldo Rocha (1922-2012), que seria seu futuro esposo. Tratava-se de um rapaz dedicado ao culto ao corpo, tendo como crença o trabalho ao físico em contraposição à crença em Deus. Conheceu Irma de Castro e iniciou algum tempo depois um namoro com a moça, tendo se casado em 1942 (Xavier, 1992).

Até aqui, o relato sobre o casal Rocha não apresenta nada de surpreendente que mereça a atenção de quem lê esse artigo. Na verdade, a história do casal seria igual a tantas outras se não fosse a ligação de Irma de Castro Rocha e Arnaldo Rocha com o Espiritismo. Após o casamento, a jovem adoeceu e teve a sua saúde gravemente comprometida. Devido a uma cirurgia malsucedida para retirada das amígdalas, a recém-casada terminou por falecer no dia primeiro de outubro de 1946, aos 24 anos de idade (Xavier, 1992).

Arnaldo Rocha, que era ateu, não se conformava com o triste desfecho e, procurando resolver seus conflitos internos no tocante à morte, acabou encontrando-se de maneira

²⁰ Irma de Castro Rocha. *União Espírita Mineira (UEM)*. Disponível in: <https://www.uemmg.org.br/biografias/irma-de-castro-rocha-meimei> Acesso em: 30/09/2019.



inesperada com um dos maiores médiuns do Brasil, Francisco Cândido Xavier (1910-2002) ou Chico Xavier como é popularmente reconhecido. Chico Xavier estava subindo a Avenida Santos Dumont, no centro de Belo Horizonte, quando na direção contrária, Arnaldo Rocha vinha desolado com o recente falecimento da esposa. Um esbarrão entre os dois provocou a queda dos pertences que o médium trazia consigo. Muito desarranjado com toda aquela situação, o rapaz colocou-se a chorar quando Chico Xavier começou a falar de Meimei (Xavier, 1992). Meimei era o tratamento afetivo sob o qual o casal se tratava na intimidade, adotada “a partir da leitura que fizeram do livro Momentos de Pequim, do escritor sino-americano LinYutang. Ao final do livro, encontram o significado para o verbete Meimei: “Noiva Querida” ou “A Bem-Amada”.²¹

Chico Xavier começava a despontar no Brasil, divulgando a doutrina espírita codificada por Alan Kardec. O médium da cidade interiorana de Pedro Leopoldo começava a ficar conhecido entre o povo pelas páginas da famosa e já extinta revista semanal “O Cruzeiro”²² e outros meios de comunicação, tais como jornais de grande circulação.

O recente viúvo, Arnaldo Rocha, ateu e muito ligado à vida mundana, via-se naquele momento diante do imponderável. Segundo Chico Xavier, Meimei estava ali, falando para ele sobre o marido. A partir daquele encontro, o viúvo passou a frequentar centros espíritas, convencendo-se dos argumentos doutrinários e filosóficos do Espiritismo no tocante à morte, vida após a morte, encarnação e reencarnação (Xavier, 1992).

A relação de Meimei com o médium de Pedro Leopoldo tornou-se uma parceria, pois um sem número de mensagens foram por ele psicografadas e traduzidas em livros que ajudariam na divulgação da doutrina espírita no Brasil. Arnaldo Rocha, por outro lado, passou a acreditar no Espiritismo, trabalhando na divulgação do mesmo. Os laços entre o jovem cético e o médium Francisco Cândido Xavier se estreitaram, passando ambos a defenderem a mesma causa: a caridade através da prática do Espiritismo. Hoje é possível encontrarmos várias casas espíritas que recebem o nome de Meimei, nas quais os trabalhos no campo da espiritualidade buscam ajudar ao próximo através da prática da caridade.

O túmulo do casal Rocha está localizado no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte. Trata-se de um túmulo simples, de pó de pedra, que não é local de visitas ou peregrinações da população adepta do Espiritismo, uma vez que os espíritas não cultuam cemitérios e túmulos, ao contrário de outras religiões, como a católica. Contudo, ocasionalmente, durante a realização das já mencionadas visitas guiadas ao espaço cemiterial é possível debater dentre os visitantes a importância daquele lugar de memória e destacar a função do cemitério como espaço de múltiplas manifestações religiosas. Aspecto que nos aproxima da afirmação de Eliade de que “o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, este modo específico é sempre reconhecível” (2001, p. 165).

O túmulo no Bonfim é um bom exemplo para identificar o caráter múltiplo e diverso

²¹ Irma de Castro Rocha. *União Espírita Mineira (UEM)*. Disponível in: <https://www.uemmg.org.br/biografias/irma-de-castro-rocha-meimei> Acesso em: 30/09/2019.

²² Lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 1928 por Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968) foi uma das revistas ilustradas mais relevantes da história da imprensa brasileira. Encerrou suas atividades em 1985.



do espaço fúnebre por nós investigado, do ponto de vista religioso e devocional, desde sua fundação, no final do século XIX, e que reverbera na contemporaneidade.

Figura 6 – Túmulo de Irma de Castro Rocha, Meimei



Fonte: Projeto Visitas Guiadas. Acervo do Cemitério do Bonfim Belo Horizonte (MG), 2019

Figura 7 – Detalhe do túmulo de Irma de Castro Rocha, Meimei



Fonte: Projeto Visitas Guiadas. Acervo do Cemitério do Bonfim Belo Horizonte (MG), 2019

Apontamentos finais

Para estabelecer algumas reflexões conclusivas acerca do tema abordado no artigo precisamos considerar que a religião, em suas múltiplas e complexas construções, é um elemento fundante na constituição do ser humano. Possui um impacto significativo para a construção cultural e pode se manifestar de maneiras peculiares. Nesse sentido, destacamos o potencial místico e religioso que se reveste nos espaços cemiteriais.

O Cemitério do Bonfim, inaugurado no final do século XIX, nasceu como parte do projeto de construção de uma cidade laica, marcada pelos princípios positivistas, higienistas e modernos, marcantes e determinantes naquele contexto. Foi planejado e instalado como uma necrópole dirigida por um Estado laico e, deste modo, sem a ligação específica com qualquer religião. Contudo, essa difícil equação nunca foi resolvida, pois as representações religiosas sempre estiveram e ainda estão nas construções tumulares, por meio da inserção de elementos decorativos que representam crenças e valores e opções religiosas da população que utiliza e usufrui do espaço fúnebre.

Assim como a cidade, o cemitério é habitado e constituído pelas pessoas. Para a maioria delas, a religião é um fundamento significativo e, assim, podemos identificar nesse espaço a experiência que se liga ao divino, não importando muito com as regras canônicas ou com os marcos regulatórios que norteiam as diversas doutrinas religiosas. O cemitério adquire assim o caráter sagrado e votivo, ainda que não tenha sido planejado para este fim.

Ao verificar a presença das práticas ritualistas das religiões afro-brasileiras, a transformação de determinados túmulos em lugares de romaria e peregrinação, a existência de espaços para realização de cerimônias, rituais e celebração da memória e da sacralização das construções tumulares como cenários da plena manifestação do místico e do miraculoso, estamos apontando para os cemitérios. E nesse caso, em particular, para o Cemitério do Bonfim, situado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, como um local pleno para a construção do discurso religioso e para experiência religiosa.

Os túmulos dedicados ao Padre Eustáquio, ícone católico; o túmulo simples, de pó de pedra, dedicado à memória da jovem Irmã de Castro Rocha, referência para aqueles que professam uma escolha pela filosofia Espirita ou os lugares específicos escolhidos pelos praticantes das religiões afro-brasileiras para deixarem suas oferendas, pedidos e agradecimentos são elementos indicativos desta dimensão religiosa incorporada nos espaços cemiteriais, os quais se apresentam no Cemitério do Bonfim de forma tão delicada e, ao mesmo tempo, tão evidente.

Referências bibliográficas

AARÃO Reis. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4987/aarao-reis>. Acesso em: 01/10/2019.



ALMEIDA, Juliano Florczak. O curioso caso de Padre Eustáquio: catolicismo, curas e fluxos materiais. *Avá Revista de Antropologia*. Argentina, Universidade Nacional de Misiones, n. 27, 2015, p. 29-46.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial. In: *Revista M. Estudos sobre a morte e o morrer*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 217-234, jan-jun, 2016. Disponível em: <http://www.revistam-unirio.com.br/a-cidade-e-o-cemiterio-uma-experiencia-em-educacao-patrimonial/>. Acesso em: 15/09/2019.

ANDRADE, José Vicente de. *Padre Eustáquio*. Belo Horizonte, Congregação dos SS.CC., 1990. 152p.

ANDRADE JUNIOR, Lourival. *Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. 284f.

ARIÉS, Philippe. *O homem diante da morte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Vol.1. 313p.

ARIÉS, Philippe. *O homem diante da morte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. Vol. 2. 347p.

ARRIBAS, Célia de Graça. *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008. 226f.

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: histórica e descritiva – história antiga e história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. 432p.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações das civilizações*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1960. 567p.

BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 108p.

BOTELHO, Jorge. *Umbanda – Estudos Básicos*. In: Apostila de Estudo - TEDES - Tenda Espírita Divino Espírito Santo. Volta Redonda, RJ, 1982. Disponível em <http://tusjb.com.br/templo/apostelivros/literatura1.pdf>. Acesso em: 28/09/2019.

BRAZIL, T. K. (org.). SANTANA-JUNIOR, E. F., CASAS-E-SILVA, L. L. - Raimundo Nina Rodrigues. *Projeto Heróis da Saúde na Bahia*. Disponível em: <http://www.bahiana.edu.br/herois/herois.aspx?id=MTA=> Acesso em: 01/10/2019.

BUENO, Cléria Bittar. A Doutrina Espírita e as Mulheres. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano I, n. 3, jan. 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf2/texto%208.pdf> Acesso em: 30/09/2019.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. 166p.

ELIADE, Mircea e COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 342p.



ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 191p.

GIUDICE, Patricia. Beato Eustáquio emociona a multidão. In: *O Tempo*. Belo Horizonte. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/cidades/beato-eustaquio-emociona-a-multidao-1.327898>> Acesso em 30/09/2019.

Getúlio Vargas. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AAEraVargas1/biografias/getulio-vargas> Acesso em: 01/10/2019.

HULSELMANS, Venancio. *Padre Eustáquio van Lieshout SS.CC.: o Vigário de Poá*. Rio de Janeiro, Centro Nacional da Entronização, 1944. 489p.

IGLÉSIAS, Francisco; RIBEIRO, Juscelino Luiz; ASSIS, Luiz Fernandes de e CARVALHO NETO, Menelick de. A Constituinte Mineira de 1891. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, n. 71, p. 163-245, jul. 1990.

Irmã Benigna, vítima de Jesus. *Jornal do site. Associação dos Amigos da Irmã Benigna*. Disponível em: <http://www.irmabenigna.org.br/site/pt/14> Acesso em: 30/09/2019.

ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo versus umbanda: lutas de representação e identidade (senzala delenda est). *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, v. 16, n. 24, p. 28-42, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23615/21247>. Acesso em: 30/09/2019.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. São Paulo: Lake, 2001. 562p.

LAGES, Sonia Regina Corrêa. *Exu, luz e sombras*. Uma análise psico-junguiana da linha de Exu na Umbanda. Juiz de Fora: Clio edições eletrônicas, 2003. 80p.

LANA, Vanessa. Bernardo Monteiro. In: *CPDOC/FGV Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil*.

Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MONTEIRO.%20Bernardo.pdf> Acesso em: 30/09/2019.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004. 715p.

OLIVEIRA, José Henrique Motta. *Das macumbas à Umbanda: a construção de uma religião brasileira (1908-1941)*. Monografia (Licenciatura em História), Centro Universitário Moacyr Streder Bastos, Rio de Janeiro, 2003. 57f.

PINGO, Lisandra Cortez. *Uma análise das múltiplas faces de Exu por meios das canções brasileiras: contribuições para reflexões do ensino da cultura da história africana e afro-brasileira na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018. 199f.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357p.

RODRIGUES, Claudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*. Tradições e transformações



fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. 276p.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do Além*. A secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 390p.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Cidades capitais do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. 187p.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Engenheiro Aarão Reis*. O progresso como missão. Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento/Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. 288p.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. O ecletismo em Minas Gerais. Belo Horizonte 1894-1930. In: FABRIS, Anateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987, p. 104-145. 296p.

XAVIER, Francisco Cândido. *Mandato de amor*. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1992. 293p.

WILKINSON, Philip. *Guia ilustrado Zahar: religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 352p.

Recebido em: 07 de outubro de 2019
Aprovado em: 13 de novembro de 2019

